

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-reitora de Pesquisa e de Pós-graduação/Psicologia

Bárbara Pagliotto Leão Duarte

Laís Catarine Ferreira

Márcia Stengel

Maria Clara Andrade Canaan

Rafaela Miranda Bortolini

Sayonarha Fernanda de Salles Silva

Simone Ouvinha Peres

**IMPLICAÇÕES E DISCURSOS DO ACESSO À PORNOGRAFIA: Uma análise  
acerca do consumo por jovens e questões de gênero**

Belo Horizonte

2023

Bárbara Pagliotto Leão Duarte  
Laís Catarine Ferreira  
Márcia Stengel  
Maria Clara Andrade Canaan  
Rafaela Miranda Bortolini  
Sayonarha Fernanda de Salles Silva  
Simone Ouvinha Peres

**IMPLICAÇÕES E DISCURSOS DO ACESSO À PORNOGRAFIA: Uma análise  
acerca do consumo por jovens e questões de gênero**

Projeto apresentado no Programa de Iniciação Científica, no curso Psicologia de Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Número do Projeto:

Orientador(a): Márcia Stengel  
Coorientador(a): Simone Ouvinha Peres

Belo Horizonte  
2023

# **Implicações e discursos do acesso à pornografia: Uma análise acerca do consumo por jovens e questões de gênero**

**Bárbara Pagliotto Leão Duarte<sup>1</sup>**

**Laís Catarine Ferreira<sup>2</sup>**

**Maria Clara Andrade Canaan<sup>3</sup>**

**Rafaela Miranda Bortolini<sup>4</sup>**

**Sayonarha Fernanda de Salles Silva<sup>5</sup>**

**Márcia Stengel<sup>6</sup>**

**Simone Ouvinha Peres<sup>7</sup>**

## **Resumo**

Compreende-se que o acesso à pornografia vem ocorrendo mais precocemente e de forma mais facilitada. Esse consumo demonstra estar relacionado com a iniciação sexual de adolescentes, que utilizam do meio digital para o acesso à informação e para a relação com pares. Nessa perspectiva, mapeamos o que se fala sobre a Pornografia no Youtube, a análise desses vídeos revelou dois grandes discursos presentes na temática do acesso a conteúdos adultos: o discurso religioso e o de gênero. Além disso, também foi feito um levantamento de artigos sobre o tema para investigar o que se encontra na literatura. Busca-se compreender, portanto, o fenômeno da sexualidade online, uma vez que, novas perspectivas relacionais surgem nessa era, pensando-se então na liberdade encontrada on-line e nos riscos desses jovens no ambiente virtual, focalizando nas relações de gênero.

**Palavras-chave:** Pornografia. Adolescência. Sexualidade. Meios digitais.

---

<sup>1</sup> Bárbara Pagliotto Leão Duarte. Graduanda em Psicologia pela a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de iniciação científica financiado pela FAPEMIG. Contato: barbarapagliotto@gmail.com

<sup>2</sup> Laís Catarine Ferreira. Graduanda em Psicologia pela a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de iniciação científica financiado pela FAPEMIG. Contato: lais.catarine@sga.pucminas.br.

<sup>3</sup> Maria Clara Andrade Canaan. Graduanda em Psicologia pela a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de iniciação científica financiado pelo CNPq. Contato: maria.canaan@sga.pucminas.br

<sup>4</sup> Rafaela Miranda Bortolini. Graduanda em Psicologia pela a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de iniciação científica financiado pelo CNPq. Contato: rafaela.bortolini01@gmail.com

<sup>5</sup> Sayonarha Fernanda de Salles Silva. Graduanda em Psicologia pela a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de iniciação científica financiado pela FAPEMIG. Contato: sayonarha6@yahoo.com.br

<sup>6</sup> Márcia Stengel. Docente do Programa de Pós-graduação de Psicologia e da Faculdade de Psicologia da a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Pesquisadora CNPq. Contato: marciastengel@gmail.com.

<sup>7</sup> Simone Ouvinha Peres. professora no Departamento de Psicologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: simoneoperes@gmail.com.

## **Abstract**

It is understood that access to pornography is occurring earlier and more easily. This consumption proves to be related to the sexual initiation of adolescents, who use digital media to access information and for relationships with peers. From this perspective, we mapped what is said about Pornography on YouTube. The analysis of these videos revealed two major discourses present in the theme of access to adult content: religious discourse and gender discourse. In addition, a survey of articles on the topic was also carried out to investigate what is found in the literature. Therefore, we seek to understand the phenomenon of online sexuality, since new relational perspectives emerge in this era, thinking about the freedom found online and the risks faced by young people in the virtual environment, focusing on gender relations.

Keywords: Pornography. Adolescence. Sexuality. Digital media.

## **1. Introdução**

A temática da sexualidade na adolescência na contemporaneidade é um objeto de estudo que tem se tornado cada vez mais complexo. A subjetividade dos jovens vem sendo atravessada por diferentes influências e meios, que estão presentes em suas vidas de forma massiva e ubíqua. Com o advento dos *smartphones*, os jovens ganham um espaço de privacidade e liberdade no acesso à internet. Em menos de 10 anos houve mudanças significativas no que diz respeito à quantidade de adolescentes e jovens que possuem acesso a um celular com internet. Dados do relatório Digital 2023: Brazil, do We Are Social e Meltwater revelam que a proporção de brasileiros conectados cresceu de 70% em 2019 para 84,3% em 2023, indicando como que o número de pessoas com acesso à internet está aumentando e, também, que a exposição às telas tem se tornado cada vez mais comum.

Buscando investigar o desenvolvimento sexual e a socialização no ambiente virtual, estudamos o acesso e consumo à pornografia em suas variadas formas e as práticas de relacionamento dos jovens online. O contato com a pornografia vem ocorrendo cada vez mais precocemente e de forma mais facilitada. Esse uso do ambiente virtual parece estar relacionado com a iniciação sexual de adolescentes, que utilizam deste meio para o acesso à informação e para a relação com pares.

As preocupações acerca das consequências desse acesso são variadas, chegando a âmbitos individuais, familiares e políticos. O controle dos pais sobre o que esses jovens acessam virtualmente se torna dificultado pela aquisição de um aparelho de uso individual com possibilidades de guias anônimas e apagamento do histórico de pesquisa, além da necessidade

de privacidade do jovem, que durante a adolescência busca formas de autonomia e identificação, esta última, muitas vezes, encontrada online a partir de grupos em redes sociais, páginas e jogos. Bozon (2012) retrata sobre o surgimento da autonomia sexual privada, que possibilita aos adolescentes novos modos de viver a sexualidade, que podem entrar em detrimento com a ordem de gênero existente e preceitos das gerações anteriores.

A pesquisa “O acesso à pornografia por adolescentes no ambiente virtual e suas implicações para a vida afetivo-sexual”, que vem sendo realizada com apoio da FAPEMIG e CNPq, se dedica a uma temática que atualmente tem uma literatura escassa, principalmente no que diz respeito à realidade brasileira. Pesquisadores como Orte e Gordaliza (2016) propõem uma discussão acerca do fenômeno social da pornografia, e ainda, apontam a existência de fatores associados ao seu consumo, tais como prática de atividades violentas, sendo elas físicas, verbais, emocionais e sexuais, e maior envolvimento em práticas de risco, algo que Steinberg (2009) enfatiza como um comportamento presente na adolescência de um modo geral, uma vez que os adolescentes buscam por sensações e são “mais impulsivos, menos orientados para o futuro e mais suscetíveis à influência dos seus pares”. (p.91)

A forma como os adolescentes interagem com o meio digital se dá de maneira heterogênea e por isso, não é possível afirmar que o consumo da pornografia desenvolverá os mesmos efeitos nos jovens, já que as distinções sociais, emocionais, religiosas e de gênero desempenham um papel importante para o modo em que significarão esse contato e também a utilização. À vista disso, dois levantamentos foram realizados para investigação da temática proposta na pesquisa. A fim de mapear e analisar os principais discursos presentes na questão da pornografia, e também, realizar a sistematização dos estudos já realizados, recorreremos à artigos e a vídeos do youtube, os quais contextualizaram a discussão acerca das implicações do acesso de conteúdo sexual online.

## **2. Metodologia**

### **2.1. Revisão bibliográfica**

Num levantamento no qual selecionamos 119 artigos que tratavam sobre consumo de pornografia por jovens e comportamento nas mídias digitais, foi possível identificar que os argumentos negativos acerca do consumo de pornografia por jovens se sobrepunham, citando especialmente a questão de pouco controle a respeito do que os jovens estão fazendo online, e chamando atenção para a violência nos ambientes digitais, algo que foi nomeado de: “cyber dating abuse” (FLACH & DESLANDES, 2017).

É importante ressaltar que o que é chamado aqui de pornografia diz respeito a múltiplas formas de acesso a conteúdos sexuais na internet, que ocorrem não somente pela busca por sites pornográficos, mas também em outros espaços como redes sociais.

O espaço do ambiente virtual é, atualmente, um local onde os jovens se comunicam e desenvolvem relações. McKenna, Green e Smith (2001, p.302)

Acredita-se que as mídias sociais reduzam barreiras e ajudem os jovens a falar mais livremente. A liberdade permite conversas sobre temas sensíveis, pois fornece um espaço para experimentar sua sexualidade e valores sexuais; no entanto, também pode criar espaço para bullying e assédio online.

Contudo, a grande preocupação é que o uso desses ambientes traga impactos negativos aos jovens. Nos artigos analisados, algumas práticas foram mencionadas pelos jovens participantes das pesquisas, sendo elas: a pornografia de vingança; o sexting, que consiste na troca consensual de material sexual explícito; e o grooming, que é a tentativa de adultos realizarem contato com menores com fins de exploração sexual, a partir de fotos, vídeos e até mesmo tentativa de importunação sexual.

Outro aspecto é que a exposição à pornografia pode ocorrer de forma acidental por crianças e jovens nas redes sociais ou através de pesquisas online que revelam conteúdo explícito. A pornografia, então, tem um novo espaço na contemporaneidade, o que antes era de difícil acesso hoje se torna facilitado e privado. Estudos sobre a realidade brasileira, realizados pelo TIC Kids Brasil em 2019, revelam que 18% dos meninos entre 9 e 17 anos viram imagem ou vídeo de conteúdo sexual na internet; 20% deles receberam mensagens de conteúdo sexual; e 13% das meninas entre 9 e 17 anos já receberam pedido para enviarem fotos ou vídeos íntimos.

Assim, as pesquisas mostram distintas características entre os gêneros, uma vez que além de os homens serem os maiores consumidores de pornografia ainda há uma normatização desse comportamento para o sexo masculino. A pornografia de vingança, citada anteriormente, que consiste na divulgação de imagens e/ou vídeos íntimos sem permissão da pessoa, ocorre majoritariamente pelos homens, após o término de relacionamentos. O papel de controle e monitoramento é mais associado às mulheres, e elas não assistem conteúdos adultos com a mesma frequência e intensidade que os homens.

Entretanto, a pornografia e o uso das redes sociais para relacionamentos também foi percebida como positiva em alguns aspectos, especialmente para os jovens, pois há uma interconexão entre os comportamentos sexuais de jovens e o ambiente virtual. A internet possibilita uma gama de informações e novas experiências, em que os adolescentes têm maior

liberdade para dialogarem e realizarem trocas a respeito de suas vivências subjetivas. Redes sociais como o Twitter, Instagram, Facebook, YouTube e blogs têm espaços que dão voz a diversas práticas sexuais, que discutem sobre a não monogamia, relações não heteronormativas e também sobre a prática da própria sexualidade, propondo interação e conversa, a partir do levantamento de questões e fala de profissionais engajados no tema da sexualidade. Os principais benefícios identificados sobre o consumo de pornografia vêm na direção da descoberta do próprio corpo, experimentação da sexualidade, diversificação das práticas sexuais e ainda na identificação e normalização dos desejos (ELDER, MORROW & BROOKS, 2015).

## **2.2. Mapeamento no YouTube**

Um levantamento feito no YouTube a partir da busca pela palavra-chave “Pornografia” trouxe dados acerca do que as personalidades dessa plataforma vêm falando sobre o assunto. O levantamento contou com a análise de 100 vídeos e, para minimizar os impactos dos algoritmos, que rastreiam as preferências do usuário para exibir conteúdos, a pesquisa foi feita no aplicativo Google Chrome em janela anônima.

Os vídeos selecionados foram categorizados de acordo com o discurso ou gênero do vídeo, sendo eles: Científico/ Psicologia; Coaching; Feminista; Humor; Informativo; Religioso; e Vício em Pornografia e público alvo: Adultos; Casais; Crianças e Adolescentes; Homens; Homens e Mulheres; Mulheres e sem público alvo definido.

Os resultados das análises mostraram que o discurso mais presente dentro do assunto Pornografia no YouTube era o religioso, representando 41% dos vídeos totais, seguido pelo gênero científico, que representava 26% dos vídeos. O discurso feminista representa cerca de 2% dos vídeos. O público alvo foi inconclusivo, já que 37% dos vídeos não tinham público alvo definido. Os vídeos direcionados às mulheres representaram 1%, em contraste com os direcionados para os homens, que foram 17%.

Embora o discurso religioso seja o mais presente dentro dessa plataforma, ele apresentou um dualismo. A maior parte dos vídeos que se encaixam na categoria “religião” é referente ao cristianismo, neles pode-se observar o emprego de palavras como “adultério”, “coisa do diabo” e “pecado”. Ainda era sugerido que quem consumisse pornografia deveria se arrepender e pedir perdão para que se reaproximasse de Deus. Esse nicho se propõe a discutir a questão da sexualidade e do consumo de pornografia, no entanto, o discurso empregado é responsável por produzir culpa e oprimir a sexualidade de quem se expõe a ele. A maioria dos

líderes religiosos não parece contribuir para o fim do tabu, a predominância é do discurso de constrangimento, que não permite discussões e o compartilhamento de experiências.

Dentro do discurso religioso o papel da mulher também é ressaltado. Essa é colocada como a responsável por afastar o marido da pornografia, pois é detentora de certa moralidade e posta como a salvadora do casamento. Seu papel, então, não é de experimentação da própria sexualidade, mas sim de resguardar seu marido do contato com o conteúdo pornográfico online.

Desse modo, é possível compreender o porquê dos vídeos de discurso feminista aparecem em menor número, representando 2% da amostra total. As mulheres não consomem com tanta frequência esse tipo de conteúdo. Dados do instituto Quantas revelam que as mulheres representam 24% da população que assiste pornografia no Brasil. A revisão anual do Pornhub do ano de 2021 ainda revela que a categoria mais assistida por mulheres foi "Lésbicas", uma vez que a pornografia heterossexual pode apresentar muito conteúdo de violência ou subjugação da mulher. De acordo com a educadora sexual e jornalista da Cosmopolitan, Niki Davis-Fainbloom, esse número elevado da procura pela categoria, se dá por conta do maior foco no prazer feminino nesses vídeos.

Tendo em vista esse cenário e buscando compreender o espaço dos adolescentes no acesso à pornografia online e no desenvolvimento de suas relações afetivo-sexuais, buscamos investigar a realidade brasileira, entendendo o ambiente virtual como espaço de liberdade e autonomia, mas que também pode oferecer risco à segurança dos jovens. A análise acerca das diferenças entre os gêneros e os discursos que permeiam essa realidade seguirão presentes, buscando, então, sintetizar alguns dos conteúdos abordados acerca dessa questão tão contemporânea, que é a pornografia online, e carente de estudos no que se diz respeito à população investigada: jovens e mulheres.

### **3. Discussão dos Resultados**

#### **3.1 Consumo da pornografia entre jovens**

Sabe-se que desde a expansão e popularização das TDIC o acesso à pornografia nunca esteve tão presente no cotidiano da população, especialmente de jovens de faixa etária de 18 a 24 anos, que representam cerca de 27,72% do consumo de conteúdos adultos no Brasil (MURARO, 2018), ficando atrás apenas da faixa etária de 25 a 34 anos, com 28,71%. Contudo, mesmo com números tão altos de consumo de conteúdos adultos nessa faixa etária, durante o

mapeamento dos vídeos da plataforma YouTube e dos artigos previamente selecionados, poucos foram os dados encontrados sobre esse público.

Em 2022 a Pornhub disponibilizou um *review* anual do uso da plataforma ao longo do ano (PORNHUB TEAM, 2022). Isso mostrou dados significativos a respeito das principais buscas dentro do site, sendo a maioria delas contendo a expressão "how to", que em português significa "como", essa expressão vinha seguida de frases como "colocar uma camisinha", "se masturbar", "transar", "depilar meu saco". À vista disso, somos levadas a acreditar que os jovens e adolescentes estão utilizando a pornografia também como forma de educação sexual. Santos, Queiroz, Tura, Penna, Parmejiani e Pinto (2021, p.) afirmam que “a navegação na internet constitui um novo refúgio para as fantasias sexuais, pois permite ao usuário explorar os cantos mais íntimos de seu próprio roteiro psíquico, por meio dos roteiros do ciberespaço”. Podemos relacionar, portanto, o acesso à pornografia com o intuito educativo por jovens como uma forma acolhedora de aprendizagem, no qual não têm que passar por conversas desconfortáveis com os pais ou ter que se mostrar inexperientes frente aos colegas.

Contudo, recorrer a sites pornográficos como forma principal de educação sexual pode ser extremamente prejudicial à saúde e às relações sociais desse jovem, uma vez que proporciona a ele visões que nem sempre correspondem à realidade, e isso pode causar problemas na autoestima, comportamentos violentos e objetificação do corpo feminino. Como afirmam Baumel, Silva, Guerra, Garcia e Trindade (2019, p. 138, grifo dos autores):

a idealização na comparação do próprio corpo com o corpo dos atores e suas performances, que pode alimentar a insegurança, abalar a autoestima, gerar cobranças na relação e instigar uma forma e um desempenho artificial ao perceber que “a vida real não é assim”. Foram indicados, ainda, prejuízos à saúde física e mental com o uso excessivo do material, destacando a preocupação com o desenvolvimento de um vício e suas consequências. Outra preocupação é que o uso de pornografia pode mudar a forma de se relacionar com as mulheres, colocando-lhes em condições objetais, de submissão e, assim, estimular a violência contra elas, ou ainda pode contribuir com situações de desrespeito ao outro, quando um dos envolvidos se sente estimulado e busca forçar o outro a fazer algo que não deseja .

Alguns artigos e vídeos analisados tratavam também da população de faixa etária inferior a 18 anos, uma vez que o fácil acesso a conteúdos pornográficos traz consigo um maior interesse em crianças pesquisarem sobre esse tema. Um estudo feito com 563 estudantes universitários portugueses (SABINA, WOLAK, FINKELHOR, 2008) mostra que 93% dos meninos e 62% das meninas foram expostos à pornografia online antes dos 18 anos. Os autores

afirmam também sobre a maior curiosidade masculina em detrimento à feminina para tais pesquisas; enquanto os rapazes pesquisam por conteúdos adultos voluntariamente, a exposição feminina a esses conteúdos geralmente se dá por meio involuntário e passivo.

Haja vista os dados supracitados, podemos fazer uma importante correlação entre os autores e seus estudos. Concluimos, portanto, que o aumento das pesquisas e acessos a sites adultos por jovens e adolescentes pode estar fortemente relacionado à curiosidade, especialmente por ser um meio de fácil acesso a informações e ser um local de refúgio para esses jovens. Porém, esse contato, especialmente de forma precoce, pode trazer diversos malefícios aos jovens e deve ser evitado sempre que possível. Por isso, pensamos ser fundamental que os pais e responsáveis incentivem um espaço aberto e acolhedor com os filhos de forma a incentivá-los a tratar suas curiosidades com adultos e pessoas conhecidas em detrimento a um ambiente extensivamente vasto e desconhecido como a internet.

### **3.2. A questão de gênero**

A família tradicional brasileira foi e ainda é muitas vezes estruturada de uma forma extremamente patriarcal, sendo possível observar claramente o papel subjugado da mulher em relação ao homem, que detém o poder na dinâmica da relação e, por vezes, utiliza esse poder para justificar noções de superioridade e a posição de passividade atribuída à mulher. Essa dinâmica muitas vezes está relacionada a aspectos financeiros, nos quais o homem é tradicionalmente visto como o provedor e chefe da família, estabelecendo uma dualidade entre masculino e feminino.

Nesse contexto, as mulheres antigamente eram frequentemente relegadas a atividades consideradas de menor valor, abrangendo desde questões profissionais até a esfera sexual, em que se esperava que fossem recatadas, enquanto seus maridos poderiam buscar relações sexuais com outras parceiras. Os homens gozavam de uma liberdade quase que absoluta para exercer sua sexualidade dentro e fora do casamento. Já as esposas eram rigorosamente controladas por seus maridos e deveriam estar dispostas ao engajamento sexual sempre que seu esposo desejasse procriar (PARKER, 1991). Tal dinâmica acontecia mesmo com os jovens, dado que as filhas eram mantidas sob vigilância constante e os filhos iniciados sexualmente ainda muito novos, como prova de sua masculinidade.

Embora atualmente a mulher tenha ascendido socialmente na luta para conquistas de direitos, ainda é possível notar essa engrenagem desigual que trata mulheres de forma

submissa, especialmente em relação à vida sexual e na pornografia, na qual o sexo feminino continua sendo retratado como mercadoria inferior, por ser um material voltado ao prazer masculino somente. Deste modo, relata Santana (2016, p. 67, grifo da autora) que “[..] os atos de dominação sexual constituem o significado social do ‘homem’, e a condição de submissão do significado social da ‘mulher’”.

No material pornográfico a atividade sexual é sempre unilateral: a mulher é usada para satisfazer os desejos do homem, o clímax das cenas é a ejaculação masculina e a gratificação sexual feminina é ignorada (DINES, 2010). Sendo assim, é comum nos vídeos pornográficos nos depararmos com a submissão feminina sendo fetichizada, e a mulher sendo vendida como produto usado apenas para a satisfação dos desejos masculinos, descreve D'Abreu (2013).

Um estudo mostrou que, na análise de 282 personagens de 45 filmes com conteúdo de pornografia, os personagens masculinos eram em 62% dos casos profissionais ou homens de negócio, enquanto a subserviência feminina era figurada em profissões como assistentes, secretárias e donas de casa em 58% dos casos. Além disso, a figura feminina aparece muitas vezes infantilizada, trajando uniformes escolares, meias, laços e presilhas, voz pueril e ausência de pêlo pubiano, reafirmando a figura de autoridade e poder do homem sobre “adolescentes”, ingênuas e frágeis (COWAN *et al.*, 1988).

Pesquisas mostraram também que a retratação de resistência simbólica aumenta a aceitação de mitos do estupro (MALAMUTH & CHECK, 1985). Ela reforça o mito de que a inicial resistência feminina aos avanços masculinos se tornará, ao fim, uma expressão de gozo, reafirmando a crença irreal de que a mulher terá prazer ao ser sexualmente agredida.

Entretanto, Santana (2016) destaca um outro aspecto em que as mulheres visaram uma inclusão ativa de liberdade sexual através da produção de filmes pornográficos direcionados ao público feminino para quebrar paradigmas e causar a reflexão das mulheres acerca de sua própria sexualidade e desejo. Essa proposta, entretanto, pode acabar contribuindo para a objetificação feminina da mesma forma, por poder agradar o público masculino e reforçar somente os desejos sexuais dos homens.

### **3.2.1. Consumo masculino x consumo feminino**

O consumo da pornografia é um fenômeno que tem sido objeto de estudo e análise sob diversas perspectivas, incluindo as diferenças entre o consumo masculino e feminino. Com

base nos dados apresentados, é possível observar algumas tendências interessantes no Brasil e no mundo.

Primeiramente, quanto à distribuição de gênero, entre os 22 milhões de brasileiros que admitem consumir pornografia em sua grande maioria são homens (76%) (MURARO, 2018). De acordo com o *review* do Pornhub realizado no ano de 2022, 61% dos usuários de pornografia no Brasil pela plataforma são homens, enquanto as mulheres representam 39% desse público. Embora os homens ainda constituam a maioria, é interessante notar que houve um aumento de 2% na representação feminina no site, sugerindo uma maior participação das mulheres nesse consumo. Desse modo, é importante pontuar que grande parte dos conteúdos pornográficos é feita por homens e para homens, o que em parte explica a predominância desse grupo.

Além disso, o mesmo *review* revela que a faixa etária de 18 a 24 anos é responsável por 41% do tráfego de consumo no Brasil. Segundo uma pesquisa realizada com 153 adultos com o objetivo de investigar a relação entre consumo de pornografia e satisfação sexual, os dados apontam para uma tendência de iniciação mais precoce dos homens, com uma média de idade de 13,20 anos, em comparação com as mulheres, que começam em média aos 14,79 anos (SANTOS; JÚNIOR, 2023).

Outro fator notável foi que a categoria de pornografia transgênero, segundo o *review* de 2022 do Pornhub, experimentou um crescimento significativo, tornando-se a 7ª categoria mais popular globalmente; já no Brasil, essa categoria foi a mais vista. Desse modo, outro ponto relevante foi em relação à categoria "lésbica", que foi a mais pesquisada mundialmente em 2022. Portanto, podemos pensar nas seguintes questões sobre os fatores citados: se por um lado isso indica uma maior abertura para a diversidade de gênero e uma crescente aceitação da representação trans na pornografia, por outro lado também pode apontar para a questão da fetichização desses grupos, principalmente pela parcela masculina e heteronormativa da população, criando preconceitos sobre a comunidade LGTBQIA+.

Em resumo, os dados refletem a complexidade do consumo de pornografia no Brasil e no mundo, mostrando uma mudança nesse cenário, uma maior participação das mulheres, embora os homens sejam predominantes. A idade de iniciação também é um fator importante a ser considerado, sendo necessário mais pesquisas e estudos sobre o tema.

### **3.2.2. A relação das mulheres com a pornografia**

Se, por um lado, as mulheres representam a menor parcela de consumidores da pornografia, por outro, as personagens femininas são as mais presentes em cena neste gênero,

embora muito frequentemente não se possa afirmar que as mulheres ocupam lugar de protagonismo ou de narradoras de suas próprias histórias. Por esse motivo, quando se fala de pornografia e questão de gênero, levanta-se uma profunda discussão sobre a exploração do corpo feminino e o contexto em que isso ocorre.

Segundo Ribeiro e Miguens (2018), diversos estudiosos construtivistas introduziram a ideia de que a sexualidade é um constructo social que se desenvolve dentro do contexto em que se insere, portanto, ela é influenciada e adaptada pelas práticas sociais existentes. De forma equivalente, a pornografia desempenha um papel significativo na representação e na amplificação das realidades e dos comportamentos sexuais. Por se tratar ainda de um produto de consumo que tem como principal intuito transformar o prazer sexual em algo rentável, a pornografia *mainstream* produz conteúdos que atendem aos valores convencionais de feminilidade e masculinidade e pregam a subserviência da mulher ao prazer masculino, como abordado por Lages e Crespo (2018).

A pornografia reduz a mulher à condição de corpo, desconsiderando o ser que nele habita. Segundo Ribeiro e Miguens (2018), o risco da fragmentação da mulher e da identidade humana é a sua redução a objeto disponível para livre uso e acesso. Um exemplo evidente desse fenômeno na pornografia convencional é a categoria denominada "free use" (uso livre), que retrata mulheres como estando disponíveis a qualquer momento para servirem como objetos sexuais para homens que assim desejarem.

A impossibilidade de atribuir a forte participação das mulheres na indústria pornográfica ao protagonismo está no fato de que sua presença está submetida ao prazer do outro, elas são machucadas, enforcadas, agredidas e forçadas. No entanto, o comportamento e as feições destas mulheres narram o prazer na dor e o contentamento em se submeter aos desejos sexuais do homem que conduz o ato. Muitas vezes ainda, a mulher aparece resistindo e se rende ao final, dando aval ao assédio.

A pornografia constrói arquétipos de feminilidade fundamentados na passividade, inferioridade e submissão. Este fato pode contribuir para a padronização de comportamentos sexuais nas mulheres, e a repressão de sua própria expressão sexual em favor de padrões reproduzidos nos conteúdos pornográficos, propiciando a insatisfação na vida sexual (RIBEIRO; MIGUENS, 2018). Além disso, na pornografia, o prazer feminino não é retratado, salvo situações em que esse contribui para a reafirmação da virilidade do homem. As mulheres simulam orgasmos como meio de reforçar a autoestima masculina, enquanto a ejaculação é colocada como objetivo e desfecho natural da relação sexual (LAGES; CRESPO, 2018).

Essas e outras críticas relacionadas são debatidas pelos movimentos feministas com cada vez mais intensidade, à medida que a pornografia foi se tornando consideravelmente mais acessível. Embora as diversas correntes do movimento concordem em grande parte nas observações relativas à representação das mulheres na indústria pornográfica e na necessidade de reformas na pornografia, não existe um consenso entre elas em relação à natureza das mudanças necessárias, incluindo a possibilidade de sua completa eliminação. Há décadas, um conflito conhecido como "Sex Wars" tem dividido o movimento feminista entre dois grupos distintos: as feministas antipornografia e as feministas pró-sexo.

As feministas antipornografia pautam seus argumentos em diversas questões, sendo uma das principais a objetificação e desumanização de mulheres e outros grupos vulneráveis. Além disso, elas veem a pornografia como uma arma da prostituição, em que o dinheiro é meio coercitivo do consenso da mulher. Essa corrente sustenta que toda pornografia é realizada mediante condições de desigualdade baseadas no sexo. Portanto, defende a restrição da pornografia como uma medida afirmativa a favor da igualdade de gênero (RIBEIRO; MIGUENS, 2018). Existem críticas, no entanto, sob o peso da moralidade cristã no ponto de vista do feminismo antipornografia, que não admite qualquer expressão da pornografia (LEITE, 2012).

As feministas pró-sexo, por sua vez, criticam a pornografia *mainstream*, mas acreditam na liberdade sexual como um dos instrumentos da emancipação feminina desde que haja consentimento, e apoiam a produção de conteúdos pornográficos pelo olhar feminista. Desse ponto de vista, surge a pornografia feminista, que tem como premissa colocar mulheres no protagonismo, narrando a história a partir de sua sexualidade, do prazer feminino e desafiar estereótipos. Nessas produções novos elementos são introduzidos, como as preliminares no corpo da mulher, o uso de preservativo, o tempo e pausas relativos ao orgasmo feminino, etc. Porém, muitos elementos da pornografia tradicional ainda estão presentes, com a perspectiva de que as produções são construídas em um contexto temporal e as mudanças devem ser gradativas de modo a continuar agradando o público a que se destina. Contudo, cabe questionar até que ponto a ideia de pornografia feminista se alinha com os princípios fundamentais do feminismo e até que ponto essa forma de pornografia desafia as estruturas de poder (LEITE, 2012). Além disso, vale analisar a referida "liberação sexual", questionando como o patriarcado e o mercado se beneficiam dessa perspectiva, e se isso, de fato, se converte em algo benéfico para as mulheres.

Para além das discussões sobre o conteúdo pornográfico e as representações das mulheres, é crucial abordar a indústria pornográfica como um ambiente de trabalho para

mulheres reais e dar voz às mulheres envolvidas nesse contexto, considerando atentamente seus relatos, conflitos e experiências. As mulheres nesta indústria frequentemente são negligenciadas e são alvo de uma série de preconceitos e estereótipos. No trabalho de Vitto (2023), são entrevistadas profissionais da indústria que revelam sentir insegurança ao se inserirem em outros ambientes diferentes da pornografia, em especial no caso de outras experiências profissionais.

As condições de trabalho também são alvo de discussão. Muitas mulheres que se introduzem na indústria começam com trabalhos mais leves e posteriormente acabam tendo que fazer parte de cenas de sadomasoquismo, ou que incluem abuso verbal. Segundo Barreiros (2019), o teor violento dos filmes tem sido alvo de denúncias de atrizes, que fazem acusações de abuso sexual e coação na produção de categorias como o “Facial Abuse”. Além disso, muitas mulheres denunciam os riscos à saúde pela falta do uso de preservativos ou da realização de exames.

Ainda segundo o estudo realizado por Vitto em 2023, uma das entrevistadas destacou a ausência de uma legislação que proteja os profissionais da indústria pornográfica, o que resulta na possibilidade de abuso e exploração desses trabalhadores. No entanto, é importante notar que muitas mulheres optam por ingressar nessa indústria como uma alternativa mais atrativa em comparação com trabalhos subalternos disponíveis. As mulheres entrevistadas por Vitto (2023) compartilharam suas perspectivas sobre a pornografia como uma ferramenta que lhes permite reconstruir sua própria sexualidade, alcançar libertação sexual e financeira, e melhorar a autoestima. Isso desmistifica a imagem tradicional da trabalhadora sexual como alguém submissa e sem autonomia.

Portanto, a relação das mulheres com a pornografia é complexa e multifacetada, abrangendo uma multiplicidade de elementos, sendo influenciada por dinâmicas de poder de gênero, questões relacionadas à objetificação, debates no âmbito do feminismo e pelo desejo de alcançar reconhecimento sexual, liberdade e emancipação.

#### **4. Considerações finais**

Compreende-se, então, que o fenômeno da sexualidade virtual afeta várias camadas da sociedade, no entanto, as mulheres permanecem numa situação de subjugação. Os fenômenos que dizem respeito à emancipação sexual parecem estar mais inclinados a uma emancipação masculina do que à descoberta da própria sexualidade feminina.

Essa pesquisa contará, em seus próximos passos, com aplicações de questionários e entrevistas para mapear a relação dos e das jovens com esse ambiente virtual. O estudo da questão da pornografia é escasso e abrange dois importantes fatores: as implicações do consumo e a realidade de quem produz esse conteúdo. Ressaltamos que, para além da configuração atual da mulher dentro da pornografia, há uma nova produção que visa o prazer feminino, levantando questões acerca do modo em que as pessoas vivenciarão sua sexualidade.

Abdullahi & Abdulquadri (2018) discutem que um único modelo de análise não é suficiente para compreender a relação entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as mídias e redes sociais, sugerindo um pluralismo teórico e considerando a influência do meio familiar, escolar e social. Stengel, Peres & Gómez (2023, p.) ainda ressaltam que: “a pornografia é apenas uma das muitas influências na sexualidade do jovem e que os efeitos da exposição dependerão de uma série de fatores individuais e contextuais.”

Ao pensar em como as mulheres são retratadas na pornografia e como a consomem, trazemos uma problemática que ultrapassa questões do acesso e preferências pessoais. É necessário identificar os discursos que estão presentes na manutenção da liberdade sexual masculina em contraponto com a autonomia e emancipação sexual das mulheres.

Assim, a sexualidade dos jovens se encontra atravessada pelas TDIC, que, como pôde ser vista nas análises de vídeos e artigos, está inclinada à heteronormatividade e ao privilégio masculino de experimentação da própria sexualidade. Os novos movimentos que ocorrem em redes sociais buscam trazer novas alternativas relacionais e parecem abrir espaço para uma nova forma de se pensar e construir as relações afetivo-sexuais de jovens, constituindo-se, assim, em dois movimentos que perpassam o desenvolvimento sexual dos adolescentes e, especialmente, das mulheres.

## Referências

- BAUMEL, C.P.C.; SILVA, P.O.M.; GUERRA, V. M.; GARCIA, A.; TRINDADE, Z. A. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. *Psico-USf*, v. 24, p. 131-144, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>
- Castro, F.L.; Crespo J.. Pornô Cultural: Da Concepção Pornográfica Como Indústria Cultural Ao Movimento Feminista Pornô. *PragMATIZES*, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/27266/15871>
- COWAN, G.; LEE, C.; LEVY, D.; SNYDER, D. (1988). Dominance and inequality in X-rated videocassettes. *Psychology of Women Quarterly*, 12, 299-311

D'ABREU, L.C.F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**. v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013

DINES, G.. **Pornland: How porn has hijacked our sexuality**. Boston, MA: Beacon Press. 2010

FLACH, R. M. D., DESLANDES, S. F. Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review. **Cadernos de Saúde Pública**. doi: 10.1590/0102-311X00138516

LEITE, F. C. O QUE É BOM PARA ELAS: Cenários De Empoderamento Numa Pornografia Feminista. **Ciberlegenda**, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36909>

MALAMUTH, N. M.; CHECK, J. V. P. (1985). The effects of aggressive pornography on beliefs in rape myths: Individual differences. **Journal of Research in Personality**, 19, 299-320.

MURARO, C. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **G1 - Globo**. 2018. disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>

PARKER, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Editora **Best Seller**. 1991

PORNHUB TEAM. Pornhub & Brazil. **Pornhub Insights**. Recuperado de [pornhub.com/insights/pornhub-brazil](https://pornhub.com/insights/pornhub-brazil). 2022

RIBEIRO, R.D.S, MIGUENS, M.S. Pornografia e sexualidade: uma denúncia da condição feminina. **Revista Brasileira De Direitos E Garantias Fundamentais**, 2018. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/garantiasfundamentais/article/view/4003/pdf>

SABINA, C.; WOLAK, J.; FINKELHOR, D. The Nature and Dynamics of Internet Pornography Exposure for Youth. **CyberPsychology & Behavior**. v. 11, n. 6, 2008. Disponível em: <https://getliner.com/file/pdf/7QJFRM8KFCBX75RJGWW50VWZS>

SANTANA, C.M. **Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas**. Brasília, 2016.

SANTOS, E.C.; JÚNIOR, A.F. Consumo de pornografia e satisfação sexual em uma amostra de adultos brasileiros. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 34, p. 1-12, 2023. Disponível em: <[https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/1074/908](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1074/908)>

Santos, G.S *et al.* **Social representations of adolescents about sexuality on the internet**. **Rev Esc Enferm USP**. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/REEUSP-2020-0488>

STENGEL, M. PERES. S.O, GÓMEZ, P.L Autonomia e vulnerabilidades de jovens no acesso à pornografia em ambientes digitais: um debate necessário no campo da sexualidade. **Revista Cocar**. Edição Especial n.16, 2023 p. 1-20

VITTO, A.B *et al.* Mulheres e a indústria pornográfica: a subjetividade das profissionais da indústria pornográfica brasileira. Campina Grande: **Realize Editora**, 2021. Disponível em: < <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75016> >.

### **Agradecimentos**

À FAPEMIG e ao CNPq pelos financiamentos de pesquisa e bolsas de iniciação científica.